

## Ficha Técnica

Título

**MUSEAL – Revista do Museu Municipal de Faro**  
**Nº1 – A Realidade Museológica no Algarve: Perspectivas para o Séc. XXI**

Edição

**Câmara Municipal de Faro / Museu Municipal**

Direcção

**Dália Paulo**

Investigadora co-responsável

**Clara Camacho**

Conselho Científico

**António Nabais**

**Clara Camacho**

**Francisco Lameira**

**João Brigola**

**José d'Encarnação**

Textos

**António Carrilho**

**António Nabais**

**Clara Camacho**

**Conceição Amaral**

**Dália Paulo**

**Emanuel Sancho**

**Isabel Soares**

**José Gameiro**

**Marco Lopes**

Design e Produção

**Ideias em Baú, Comunicação Marketing, Lda**

Impressão

**SIG – Sociedade Industrial Gráfica, Lda**

Depósito legal

**242162-06**

ISSN

**1646-4202**

Data

**Mai 2006**

Tiragem

**1000 exemplares**

*Solicita-se permuta. We request exchange. On prie l'échange. Se solicita permuta.*



Cidália BOTAS, *A Arte em Bracejo na Ilha dos Cestos*, Câmara Municipal de Pombal, Setembro de 2004. 95 pp. Ilustr. ISBN: 972-97529-9-0.

No âmbito do Seminário «Património Cultural – Teoria e Prática», do Mestrado em Museologia e Património Cultural (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra), elaborou a Dra. Cidália Botas, em 2003, um trabalho que se considerou notável por dois aspectos fundamentais: primeiro, por dar a conhecer um património invulgar, uma actividade de artesanato digna do maior apreço, pois se insere na mais lídima tradição local; segundo, por contribuir, assim, para que as entidades oficiais olhem para a cestaria com maior atenção, consciencializando a sua importância.

Ilha é uma freguesia do concelho de Pombal, onde se formou uma cooperativa, designada Cestinhos da Ilha, constituída por cinco artesãs, que do bracejo fazem cestas, chapéus, capachos, esteiras... com funções utilitárias e ornamentais. A matéria-prima é o bracejo, nome vulgar da fibra vegetal cujo nome científico é *stipa gigantea*, uma gramínea vivaz, alta, com folhas estreitas e compridas. Colhe-se «no crescente de Junho» e sofre, depois, toda uma série de operações – tal como o linho e demais fibras têxteis – para se obter a elasticidade e a consistência adequadas ao fabrico de barços e pavios, de que, depois, se farão os objectos pretendidos.

Todas essas fases são minuciosamente descritas e fotograficamente documentadas pela autora, que se refere ainda às formas, utilizações e mercado dos objectos fabricados. O capítulo final é, como não podia deixar de ser, um grito de alerta, uma interrogação: que estratégias para o futuro de uma arte em vias de extinção?

Dado que a Câmara local tem intenção de levar por diante a criação de um Museu de Arte Popular a que se acoplará um Centro de Artes e Ofícios Tradicionais, a

perspectiva mais aliciante seria a de integrar nesse Centro e no Museu um núcleo de cestaria. Essa poderia ser, também, uma forma de aliciar as camadas mais jovens a dedicarem-se a esta arte, cujo futuro se antoja promissor, numa época em que «a promoção do artesanato está cada vez mais intimamente ligada ao desenvolvimento local, enquanto potencial gerador de novos postos de trabalho, contribuindo simultaneamente para a promoção socioeconómica das populações e para a preservação/afirmação de identidades» (p. 65).

Escrito com simplicidade e procurando ser, acima de tudo, um documentário exaustivo acerca desta arte, o livro lê-se de um fôlego, inclusive porque desperta enorme interesse ver como destas mãos rudes, usando uma matéria-prima que espontaneamente nasce por i, saem objectos singelos de que se desprende a rara beleza do que é genuíno.

Por isso, não hesitei em escrever para ele o prefácio, sob o título «Dedos que semeiam esperanças!...» e que peço licença para transcrever:

"Era para mim um encanto ver minha avó fazer empreita, entrelaçar agilmente a tamissa nos capachos e nas esteiras e nos abanos de palma e nas alcofas que de seus dedos haviam também nascido... Nos homens admirava eu a perícia no engendrar de esteiras de caniços, para nelas se secarem os figos no almanxar ou para com elas forrarem telhados... Ainda hoje sonho, em cálidos dias de Agosto, com uma sesta no sobrado, mirando aquela restiazinha de Sol a espreitar por indiscreto buraco...

E, em tempos, numa das muitas jornadas alentejanas, descobri o verdadeiro significado de «quem tem fome cardos come»: fui com o Rafael e o Chico, num dia de Semana Santa de Abril, armados de sachos e alcofa, pelos campos a colher cardos. Mal eu sabia que, ripados no sentido contrário ao dos picos, os talos davam, com feijão vermelho e nacos de toicinho entremeado, acepipe de comer e chorar por mais!... E nos regatos havia poejos e agriões e beldroegas carnudas; e, pelos matos, entre as pedras, espreitavam saborosos espargos verdes...

A arte de (sobre)viver em pleno contacto com a Natureza, aproveitando o que ela espontaneamente nos oferece, sem os rebuços das civilizadas culinárias urbanas.

Assim, o bracejo – no aproveitamento singelo, inteligente e agradável do que nos surge por i, numa entrega sem juro a cobrar. Apanha-se, seca-se, enfeixa-se, ajeita-se – e dali, para uso e deleite, com engenho e arte e sabedoria transmitida de geração em geração, de tranças e de pavios

nascem alcofas de duas asas, seiras, cofos, esteirões, capachos e até chapéus!...

Maravilhava-me minha avó; maravilha-me o Rafael na sábia colheita dos cardos; maravilha-me Cidália Botas quando se propôs apresentar-me como trabalho, no âmbito do Património, esta história de uma cooperativa resistente em uma Ilha perdida (nunca, decerto, um nome fora tão apropriado!...), um punhado de mulheres e... a Beleza vestida de Simplicidade!...

Dedicação singular nestes primórdios de um século XXI em que a máquina uniformizadora cada vez nos sufoca mais e atordoa, na desumanização do objecto, do usa-e-deita-fora... sem alma!

Isso me encantou no testemunho perspicazmente colhido por Cidália Botas: cada objecto ali, em exposição, à entrada da porta ou sobre a mesa da sala, tem uma história para contar, um grito d'alma dentro dele...

Bem andou, pois, a autarquia de Pombal quando aceitou o desafio de, com tão bonitas ilustrações, dar à estampa esta Arte, perenizando-a. Escrevi Arte; deveria ter escrito Artesanato; preferi não. Artesanato, nos dias que correm, detém, queiramos ou não, um certo ar de primitivo, por oposição ao que ora vem, tecnicamente perfeito, assepticamente embalado, laranjas todas do mesmo calibre, espargos todos do mesmo tamanho... E porque será que nós até preferimos os desajeitados pêros bravos de Esmolfe e as laranjas sem calibre, as leis da 'CEE' que se danem?!... Porque 'uniformização' não se quadra com o nosso quotidiano vivido; 'globalização' retira identidade, atraiçoa gostosos espargos verdes colhidos por entre estrepes...

Contaram-lhe as mulheres os segredos que as prende à terra e lhes trazem uma razão de existir. Razão complicada, mas... razão, objectivo, esperança!... Cidália Botas recolheu os depoimentos, sentiu-se uma delas e serviu-nos, assim, com a mesma simplicidade, razões, objectivos, esperanças!... E a edição do livro pela autarquia é, não haja dúvida, esse redobrar de esperança – que, afinal, estamos todos de parabéns!

E queremos prosseguir!"

José d'Encarnação